



Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
Curso de Artes Cênicas e Dança - Licenciatura

**AS ARTES CÊNICAS EM SALA DE AULA, UM BATE PAPO SOBRE A
DIFERENÇA: O EU, O OUTRO E O NÓS.**

Orientando: Leonardo Arruda Calixto

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Gabriela Di Donato Salvador Santinho

Campo Grande – MS

Dezembro de 2015



LEONARDO ARRUDA CALIXTO

**AS ARTES CÊNICAS EM SALA DE AULA, UM BATE PAPO SOBRE A
DIFERENÇA: O EU, O OUTRO E O NÓS.**

Artigo Científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Artes Cênicas e Dança no Curso de Graduação em Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande – MS

Dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores por terem me proporcionado mais essa conquista;

A minha mãe Rogéria Calixto, meus irmãos Evelyn Calixto, Moacyr Calixto Júnior, João Calixto Neto e meus sobrinhos, por compreenderem a importância das Artes Cênicas na minha vida;

Aos meus amigos e colegas de graduação por acreditarem e incentivarem minhas escolhas, apoiando-me e esforçando-se junto a mim, para que eu fosse bem-sucedido em todas elas;

Ao meu amigo Leandro Melo, pelos 4 anos de trabalhos conjuntos, estágios, estudos e muitas conversas;

A minha orientadora Professora Dra. Gabriela Salvador, pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, incentivando-me e colaborando no desenvolvimento de minha pesquisa;

E por último ao Leonardo Calixto por não ter desistido de buscar conhecimento e novas possibilidades na construção dos saberes.

AS ARTES CÊNICAS EM SALA DE AULA, UM BATE PAPO SOBRE A DIFERENÇA: O EU, O OUTRO E O NÓS.

Resumo: O presente Artigo trata da Diversidade Sexual na Educação, utilizando o Teatro e a Dança para tratar do tema na contemporaneidade. Embora os caminhos às diversas áreas de conhecimento tenham aumentado, ainda há preconceito e discriminação no que tange a homossexualidade. O foco está na inclusão, no qual a Arte, o Teatro e a Dança, tentam conduzir e fazer refletir a partir de experiências novas, como o acesso ao conhecimento e ao mesmo tempo tratando com igualdade as diferenças, e buscando diminuir o preconceito e a discriminação sexual. Em um país onde se usa o termo errôneo “homossexualismo” e não “homossexualidade”, fica clara a necessidade do esclarecimento e conhecimento sobre a diversidade sexual e a sala de aula é um dos lugares para tratar-se das diferenças. É um direito fundamental de todos, independente da orientação sexual ou identidade de gênero, o respeito. Para tanto utilizamos, como base para a inclusão, a Constituição Federal Brasileira de 1988, concomitantemente a Lei de Diretrizes e Bases para a educação nacional a LDBEN, os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, nos amparando para trabalhar o tema diversidade sexual através da Arte. Atrrelado a isso o presente artigo embasa autores que tratam a Arte como área de conhecimento em sala de aula; “Educação do Sensível”, “Teatro na Educação”, “A Dança na Educação”, “Multiculturalismo”, entre outros. A pesquisa acredita que é também através do Teatro e da Dança que se formam futuros cidadãos, sensíveis em relação à Arte, a cultura e as diferenças em nossa sociedade.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Homossexualidade. Dança. Teatro. Educação.

Esta pesquisa parte das reflexões e da inquietação relacionada à necessidade da inclusão da Diversidade Sexual em sala de aula, no campo escolar, utilizando como meio condutor o Teatro e a Dança, buscando a educação do sensível a partir da Arte. Tem como “pré-embrião” o projeto “A Luta pelo Direito, inserido na Educação, através da Arte”, que foi pesquisado na graduação em Direito, ano de 2006, com o objetivo em introduzir na educação, nas escolas públicas de Campo Grande - MS, os conceitos de cidadania, dignidade humana, buscando a luta pelo direito, com objetivo no teatro, dando sensibilidade, vida, arte ao direito, interagindo com os estudantes. Posteriormente teve como “embrião” o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Direito (2010), com o título “A Busca pelo Direito de Igualdade na filiação Homoparental Brasileira”, no qual o objetivo foi tratar das relações homoafetivas na sociedade frente à Constituição Federal de 1988, assegurando aos filhos oriundos destas relações à igualdade na filiação, seja de ambos os pais/mães, o direito à pensão por morte, o direito à pensão alimentícia, o direito de herança, bem como todos e quaisquer direitos assegurados por casais heterossexuais, sejam casados civilmente ou em uniões estáveis. Naquele momento não havíamos o entendimento do Supremo Tribunal Federal (STF), reconhecendo a união estável para casais do mesmo sexo e por consequência o reconhecimento do casamento civil para as relações homoafetivas. O entendimento do STF foi

pacificado no ano de 2011 e até o presente momento, por diversas questões históricas e de ignorância¹, o preconceito ainda continua sendo disseminado, inclusive criminalmente.

Na graduação em Artes Cênicas e Dança pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, participei do PIBIC², sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Gabriela Di Donato Salvador Santinho, e foi desenvolvido o projeto “A Diversidade Sexual na Educação através das Artes Cênicas”, com a finalização de uma cena teatral, envolvendo literatura, dança, tecnologia, na escola pública municipal Professora Iracema de Souza Mendonça situada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, com turmas do 9º ano (A e B) do Ensino Fundamental II.

O intuito da pesquisa e do trabalho, em relação ao PIBIC, tornou-se fomentar a inclusão social na educação, tomando como foco e metodologia de trabalho as Artes Cênicas. Para tal intento, foi preparada uma cena teatral que abarcou esses universos dentro de sala de aula com alunos de 13 a 17 anos de idade. Com isso buscou-se identificar questões, impressas em folha de papel, entregue antes e depois da apresentação da cena teatral para os alunos como forma de mensurar as informações e fomentar o conhecimento a respeito do tema.

A cena teatral foi apenas um dos passos necessários na busca de reverter essa situação de preconceito e discriminação, assim os alunos, diante das informações, tiveram oportunidades para mudar a postura perante os homossexuais e qualquer outro tipo de diversidade sexual, servindo como uma fonte de reflexão em relação à sua própria sexualidade.

O processo criativo do projeto partiu da postura pessoal de dois artistas: Vatslav Fomitch Nijinski (12/3/1890 – 8/4/1950) e Paulo Barreto (5/8/1881 – 23/6/1921). Nijinski era bailarino e coreógrafo russo, Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, era jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro. Ambos nascidos no final do século XIX. O comum entre ambos, além de fazerem arte, era a

¹ Lê-se como ignorância: a condição da pessoa que não tem conhecimento da existência ou da funcionalidade de algo: ignorância dos acontecimentos contemporâneos. Estado da pessoa desprovida de conhecimentos. (A falta de conhecimento em relação à homossexualidade). Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/ignorancia/>>. Acesso em 08 out. 2015 às 22:16 h.

² PIBIC/UEMS (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) anos 2013/2014, no qual foi abordada a diversidade sexual, com objetivo na homossexualidade, na educação tomando como foco e metodologia de trabalho as Artes Cênicas.

homossexualidade; a qual ficou impressa, de forma ora explícita, ora implícita, em suas obras.

A junção e a relação de dois nomes das Artes Cênicas, Nijinski da dança e João do Rio do teatro, para tratar da diversidade sexual, agrega conhecimento e informação, pois os mesmos trabalharam o enfoque da homossexualidade em um período, que não era possível “levantar” a bandeira da diversidade sexual, sem que houvesse riscos, preconceitos e discriminação.

A diversidade sexual é uma “diferença” encontrada em nossa sociedade que está imbuída de preconceitos e discriminação, sobretudo quando se trata da homossexualidade. Explicando e fazendo uma crítica Candau (2011) entende:

Mas a nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social. (CANDAU, 2011, p. 17).

Nossa formação histórica valoriza a cultura hegemônica e isso tem a ver com a nossa construção sociocultural ao qual negamos e silenciemos. O Brasil é o país das diferenças e fechamos os olhos para as mesmas. Candau (2011, p. 27), aborda um novo termo para explicar as diferenças na sociedade, o daltonismo cultural e diz: “o daltonismo cultural tende a não reconhecer as diferenças étnicas, de gênero, de diversas origens regionais e comunitárias [...]”. A diferença se dá no âmbito de um processo social, desassociado do natural ou do inevitável. Está intimamente ligada ao conjunto de princípios de seleção, inclusão ou exclusão.

A necessidade da inclusão no campo escolar é uma maneira de mostrar que as “diferenças” são inerentes ao ser humano e está na sociedade. Somos um país de multiplicidade, de multiculturalismo³ e precisamos entender o que há ao nosso redor. No que concerne à inclusão se faz necessário nos pautarmos em Lei, de uma norma cogente, em que o assunto diversidade sexual/homossexualidade poderá ser discutido em sala de aula, evidenciando as nossas diferenças. Inclusão social é um termo amplo, utilizado em contextos diferentes, fazendo referência à inserção de pessoas com algum tipo de deficiência às escolas de ensino regular e ao mercado de trabalho, a pessoas consideradas excluídas, a margem da sociedade, sejam elas:

³ É o reconhecimento das diferenças, da individualidade de cada um. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/multiculturalidade/>>. Acesso em 17 set. 2015 às 21:32 h.

por condições socioeconômicas, por gênero, condição sexual, por raça ou falta de acesso.

O tema a ser abordado tem caráter social, educativo, por meio do teatro e da dança, pode-se construir um princípio e uma nova imagem do que são as diferenças encontradas em nossa sociedade, principalmente as diferenças sexuais relacionadas à sua identidade sexual. A homossexualidade ainda vive na marginalização pelo simples fato de não reconhecermos a diferença do outro. Sendo assim a sala de aula é um local de conhecimento e aprendizado, logo, inserir na educação a inclusão da diversidade sexual através do teatro e da dança é levar conhecimento aos futuros formadores de opiniões, por uma via sensível.

O grande objetivo é conscientizar, desenvolver as faculdades morais e intelectuais dos estudantes, em relação à questão da homossexualidade do ser humano. Tendo como meio condutor as Artes Cênicas, o Teatro e a Dança, acredita-se que se pode romper a barreira do preconceito e da discriminação, tratando assim, todos com igualdade. O ser humano deve ter acesso à igualdade, seja ela qual for, e a “luta” por esse direito começa na educação. A luta pelo direito de igualdade é a preservação da personalidade do ser humano.

O Estado democrático de direito nos assegura as garantias constitucionais, que é tratar os iguais com igualdade e os desiguais na mesma proporção de suas desigualdades, mas ainda assim, não basta às garantias existirem se faz necessário “lutar” para que sejam alcançadas por todos aqueles que vivem a margem de uma sociedade que não reconhece as nossas diferenças.

O Teatro e a Dança, como linguagens de conhecimento, acompanham a inclusão, por intermédio deles que a socialização acontece de forma lúdica e de grande alcance social. Pode e deve contribuir para o tratamento dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, as questões ligadas à diversidade sexual é assunto a ser tratada na educação.

Os temas transversais permeiam a dignidade da pessoa humana e isso implica no respeito aos direitos humanos, a não aceitação à discriminação, vida digna, respeito mútuo entre os seres humanos, inclusive a igualdade de direitos, (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.) e desigualdades (socioeconômicas).

A Diversidade Sexual é usada para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana. Ana Lúcia Santana, em seu artigo, publicado no site infoescola⁴, trata da diversidade sexual e compreende que somente é possível entendê-la a partir da situação em que o ser humano percebe e aceita que há semelhanças biológicas, contudo, os acordos ou pactos adotados pelos indivíduos é que fazem as diferenças serem gritantes. Assim Santana (2010) nos afirma:

Esta diversidade não se limita apenas ao exercício do sexo, mas igualmente a tudo que configura a sexualidade – as experiências de vida, os costumes assimilados ao longo da existência, as emoções, os apetites, o modo de agir e a forma como as pessoas se veem e são vistas pelos outros. (SANTANA, 2010).

Por questões culturais, pelo machismo imposto em nossa cultura, por fortes influências da igreja temos alguns erros relacionados ao homossexual no que refere-se à expressão homossexualismo. A própria palavra “homossexualismo” denota algo ruim. O sufixo “ismo” significa doença, como tabagismo, alcoolismo, embora não seja doença e a OMS⁵ tenha confirmado que ser homossexual é saudável. Ainda existem pessoas proliferando o “ismo” gerando preconceito e discriminação. O correto é utilizar o sufixo “dade”, de homossexualidade, já que ele indica algo que é natural, próprio, como heterossexualidade. “A sexualidade integra a própria condição humana. É direito humano fundamental que acompanha a pessoa desde o seu nascimento, pois decorre de sua própria natureza”. (DIAS, 2010, p. 200).

Nesta busca pelo conhecimento e informação o Dr. Drauzio Varella (2013) comenta: “A homossexualidade é uma ilha cercada de ignorância por todos os lados. Nesse sentido, não existe aspecto do comportamento humano que se lhe compare”. Varella ainda diz em seu artigo “Violência contra homossexuais” que a sexualidade não é opção:

A sexualidade não admite opções, simplesmente é. Podemos controlar nosso comportamento; o desejo, jamais. O desejo brota da alma humana, indomável como a água que despenca da cachoeira. Mais antiga do que a roda, a homossexualidade é tão legítima e inevitável quanto à heterossexualidade. Reprimi-la é ato de violência que deve ser punido de forma exemplar, como alguns países fazem com o racismo. (VARELLA, 2013).

⁴ Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociedade/diversidade-sexual/>>. Acesso em 11 out. 2015 às 14:07 h.

⁵ OMS - Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <<http://www.who.int/eportuguese/publications/pt/>>. Acesso em 11 out. 2015 às 14:13 h.

A inclusão é assegurada em nossa Constituição Federal de 1988, estabelecendo uma sociedade livre e justa, garantindo o desenvolvimento nacional, reduzindo as desigualdades, promovendo o bem de todos. Tentando colocar em prática o que a Lei Maior preconiza “igualdade para todos” é que a inclusão da diversidade sexual deve merecer uma atenção especial, ser tratada com respeito e esclarecimento.

Na direção da informação, de mostrar o que é natural, de propagar a igualdade entre os seres humanos, há um anteprojeto brasileiro que institui o Estatuto da Diversidade Sexual⁶ e sendo aprovado tornar-se-á lei entrando em vigor após a sua publicação, cujo objetivo é promover a inclusão de todos, combatendo a discriminação e a intolerância por orientação sexual ou identidade de gênero. Neste estatuto há alguns artigos que tratam de modo específico da educação, impondo aos estabelecimentos de ensino o dever de coibir atos de constrangimento, intimidação entre outros. Conforme segue:

Art. 59 - Os estabelecimentos de ensino devem coibir, no ambiente escolar, situações que visem intimidar, ameaçar, constranger, ofender, castigar, submeter, ridicularizar, difamar, injuriar, caluniar ou expor aluno a constrangimento físico ou moral, em decorrência de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Art. 60 - Os profissionais da educação têm o dever de abordar as questões de gênero e sexualidade sob a ótica da diversidade sexual, visando superar toda forma de discriminação, fazendo uso de material didático e metodologias que proponham a eliminação da homofobia e do preconceito.

Art. 61 - Os estabelecimentos de ensino devem adotar materiais didáticos que não reforcem a discriminação com base na orientação sexual ou identidade de gênero.

Art. 62 - Ao programarem atividades escolares referentes a datas comemorativas, as escolas devem atentar à multiplicidade de formações familiares, de modo a evitar qualquer constrangimento dos alunos filhos de famílias homoafetivas.

Art. 63 - Os professores, diretores, supervisores, psicólogos, psicopedagogos e todos os que trabalham em estabelecimentos de ensino têm o dever de evitar qualquer atitude preconceituosa ou discriminatória contra alunos filhos de famílias homoafetivas.

Art. 64 - O poder público deve promover a capacitação dos professores para uma educação inclusiva, bem como ações com o objetivo de elevar a escolaridade de homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, transexuais e intersexuais, de modo a evitar a evasão escolar.

Art. 65 - Nas escolas de ensino fundamental e médio e nos cursos superiores, é assegurado aos transexuais, travestis, transgêneros e intersexuais, no ato da matrícula, o uso do nome social o qual deverá

⁶ Institui o Estatuto da Diversidade Sexual e altera as Leis. Disponível em: <<http://www.direitohomoafetivo.com.br/uploads/5.%20ESTATUTO%20DA%20DIVERSIDADE%20SEXUAL%20-%20texto.pdf>>. Acesso em 11 out. 2015 às 14:18 h.

constar em todos os registros acadêmicos. (ANTEPROJETO DE LEI ESTATUTO DA DIVERSIDADE SEXUAL, 2013).

O Estatuto visa promover a inclusão da diversidade sexual e estabelece nos artigos 59 a 65 que os profissionais da educação devem abordar questões de gênero e sexualidade e o Estado tem o dever de capacitar o professor para a educação inclusiva.

Fica claro que nós enquanto profissionais da docência e sociedade não estamos preparados para a inclusão da diversidade sexual e ainda, não queremos entender, olhar para as nossas diferenças, além disso, há uma cultura machista de preconceito que exclui o “diferente”. O Estatuto da Diversidade Sexual vem ratificar o que a Constituição Federal já promulga, vem apenas tornar mais transparente a inclusão da diversidade sexual; nasce para dar identidade àqueles seres humanos que vivem omissos, excluídos e segregados pelo preconceito.

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN - Lei nº 9.394 de 1996) reafirma o que a Constituição Federal expõe, tornando assim dever do Estado na formação dos seres humanos, propagando a educação e a cultura. Logo, a diversidade sexual é assunto para ser tratado na escola, na sociedade, pois segue o Princípio da Igualdade ou Isonomia em que todos são iguais, sem qualquer distinção.

No que tange ao trabalho com o Teatro e a Dança na escola, o artigo 26, § 2º, da LDBEN (1996) trata das Artes na educação:

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá **componente curricular obrigatório** nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (LEI Nº 9.394 DE 1996, grifo acadêmico).

Caminhando no sentido da afirmação da Arte como componente obrigatório na educação, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados (Brasília/DF) aprovou, em caráter conclusivo, a Dança e o Teatro como disciplinas obrigatórias da educação básica. O projeto original determinava a inclusão da música, das artes plásticas e das artes cênicas no currículo das escolas do ensino fundamental. A redação foi alterada para adequar o projeto às diretrizes da Resolução 7/10 da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), que especifica os componentes curriculares de acordo com as áreas de conhecimento. Como sofreu modificações na Câmara, a

proposta volta ao Senado.

O que antes não explicitava qual linguagem era obrigatória (apenas era mencionado o ensino da Arte), hoje por advento do Projeto de Lei nº 7.032 de 2010, existe a “obrigatoriedade” da especificação. O texto altera os §§ 2º e 6º do art. 26 da LDBEN, que fixam as diretrizes e bases da educação nacional, para instituir, como conteúdo obrigatório no ensino de Artes, a música, as artes plásticas e as artes cênicas. Isso nos dá segurança jurídica e mais, o reconhecimento que o teatro e a dança são formas de conhecimento e desenvolvimento do ser humano na educação. Para que de fato a lei entre em vigor é necessário que o Senado aprove para posteriormente passar pelos tramites legais, vinculados ao Ministério da Educação e etc., que estão por vir.

Os PCNs em Arte indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de: compreender a cidadania como participação social e política, conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais, entre outros. A estrutura dos parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental deixa claro quais são os objetivos gerais: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, estes são os chamados temas transversais.

Os temas transversais requerem que as questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos. A inclusão é necessária com flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos. O próprio PCN (1997) - temas transversais – preconiza a orientação sexual:

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. (PCN/TEMAS TRANSVERSAIS, 1997, p. 28).

É importante ratificar que as diretrizes do PNE (Plano Nacional de Educação) que foi aprovado pela Lei nº 13.005 de 2014, com vigência por 10 (dez) anos, que corresponde ao cumprimento do art. 214 da CF/88, serve de base para concretizarmos o princípio da igualdade e a inclusão social na educação. Segue o que consta no art. 2º:

[...]

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na **erradicação de todas as formas de discriminação**;

X - promoção dos princípios do **respeito aos direitos humanos, à diversidade** e à sustentabilidade socioambiental. (LEI Nº 13.005/2014, grifo acadêmico).

Sendo assim, consideramos que usar a inclusão da diversidade sexual na educação, em sala de aula, por meio do teatro e da dança seja um caminho produtivo, interessante e promissor.

A educação escolar no Brasil vem sofrendo questionamentos por parte da sociedade, dos professores e dos próprios alunos. Isso tem diferentes dimensões como a universalização da escolarização, qualidade da educação, projetos político-pedagógicos, dinâmica interna das escolas, entendimentos curriculares, relações com a comunidade, função social da escola, indisciplina e violência escolares, processos de avaliação no plano institucional e nacional, formação de professores entre tantas outras. (CANDAU, 2011). O professor de hoje tende a limitar o conhecimento, quando na realidade deve conduzir conhecimento sem que haja limitações. O professor deve conduzir o ser humano sensível para as diversidades existentes em sala de aula, levando em conta que cada aluno tem uma especificidade.

A sociedade brasileira passou e passa por transformações. Fomos colonizados pelos portugueses e recebemos influências europeias, mas ao longo de uma história ganhamos independência e identidade. Empoderados com esta identidade, na qual revela-se o convívio multicultural, a autonomia fica mais evidente, logo, temos condições de discernir o que há a nossa volta, e isso possibilita os diálogos entre diferentes seres humanos.

A multiplicidade e o multiculturalismo são naturais ao brasileiro, então por que apontamos o dedo para aquele que aparenta ser “diferente”? É na mistura que surge

um indivíduo que não é branco, índio, negro, heterossexual, homossexual, bissexual, travesti, transexual, transgênero, apenas existe o brasileiro, fruto do hibridismo e de diversas culturas. Lidar com as diferenças deveria ser natural, pois essa é a nossa origem brasileira.

No Brasil o convívio multicultural não deveria representar uma dificuldade, afinal, a sociedade brasileira resulta da mistura de raças - negra, branca, índia, amarela - cada uma com seus costumes, seus valores, seu modo de vida, e da adaptação dessas culturas umas às outras, numa “quase harmonia cultural”.

O trabalho pedagógico tem que ser voltado para a valorização das diferenças e o multiculturalismo traz isso, alia conteúdo e vivência, mas vai mais além, é um convite à reflexão. Assim entende Edgar Morin⁷ (2003):

Explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o ser subjetivo. A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sentimentos e suas alegrias. [...] É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão. (MORIN, 2003, p. 51).

A educação está intimamente ligada aos processos culturais. Não há como fugir das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura. O ensino formal trata das culturas locais, da diversidade que há nas diversas culturas. A educação não está desassociada da cultura, cada aluno em sala de aula tem uma vivência, uma cultura própria e por intermédio desta diversidade cultural, deste multiculturalismo, é que se constrói uma relação dialética entre professor e aluno. O professor deve perceber que os alunos são os cidadãos de hoje, indivíduos que participam de um mundo social do qual a escola representa apenas uma de suas instâncias. Isso implica respeitar suas experiências de vida, sua linguagem e seus valores culturais, pois não existem conhecimentos que sejam melhores ou mais legítimos do que outros.

Tendo como base para a mudança na educação escolar, a igualdade comungada entre todos e partindo da premissa de que a educação é o começo de tudo, é o começo para ser “aprendiz” como já entendiam os filósofos da Antiguidade Aristóteles, e da Modernidade como Locke e Rousseau (REVERBEL, 1989), a diversidade na educação é um desafio, seja qual for. Quando se trata do assunto

⁷ Pensador e sociólogo francês. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/a-educacao-segundo-edgar-morin/>>. Acesso em: 08 out. 2015 às 23:41 h.

diversidade, entramos em uma esfera distinta da usual. Esquecemos que o Brasil é um país diverso em vários assuntos e em questões como etnia, raça, cor, credo, cultura e sexualidade. A diversidade é uma característica natural ao nosso país, logo, ignorar é negar a sua origem.

O tema Diversidade Sexual na escola torna-se importante, e tratá-lo utilizando as Artes Cênicas é uma maneira de tentar romper a barreira do desconhecido. Diversos autores tratam do tema arte-educação e entendem a importância da Arte no processo educativo escolar.

Duarte Júnior (2010) entende que os professores de Arte se baseiam em suas explicações, na história da Arte e na interpretação de obras e esquecem as experiências vividas pelos alunos. São essas experiências que contribuirão para que haja uma relação de sentidos com a nossa realidade, ganhando assim maior significação no conteúdo de Arte. A troca das experiências entre alunos e professores faz com que haja uma comunicação efetiva. As experiências dos alunos traduzem o meio em que vivem, a cultura que cada um carrega. É ao olharmos para este sujeito sensível que saímos da perspectiva historicista e adentramos na experiência cognitiva de cada ser específico que são os alunos.

Reafirmando a importância das Artes, Vygotsky afirma que (*apud* JAPIASSU, 1999, p. 43) “as artes deveriam ser consideradas uma forma de reconhecimento tão relevante quanto o conhecimento científico, diferindo deste apenas por sua metodologia”.

Partindo da ideia de que a Arte é um caminho valioso e de conhecimento na educação escolar, Olga Garcia Reverbel foi pioneira nos estudos e práticas das relações entre teatro e educação no Brasil. A autora que é considerada nacionalmente uma das precursoras do movimento conhecido como Teatro e Educação, colocou lado a lado os assuntos da cena e da educação contemporâneas presentes nos debates sobre ensino de teatro. Olga trabalha a pedagogia de expressão, teatro como expressão somado com a pedagogia.

A Arte mostra caminhos com possibilidades diversas, sendo assim a Dança mostra-se como linguagem em sala de aula de fundamental importância. Utiliza o movimento, que é inerente ao ser humano, traz possibilidades expressivas e de reflexão. Portanto Salvador (2013) entende:

[...] os estudos do movimento em dança passam, não só por suas relações com o social, com o cultural ou com o físico, mas instigam, também, a pensar em signos, em narrativas e em possibilidades de comunicação e expressão através desse corpo que é soma. (SALVADOR, 2013, p. 39 e 40).

Conforme Salvador a dança cria possibilidades de comunicação, logo, sugere-se essa dialética em sala de aula, o que contribui para tratar da diversidade na educação. O trabalho da dança na educação tem grande importância na conscientização, deste modo Gabriela Salvador (2013, p. 99) descreve: “[...] o grande valor do processo de aprendizado e do desenvolvimento da criatividade e da expressividade do aluno”.

A dança atinge o sensível, pautando-se na comunicação e possibilitando a reflexão. Assim Salvador (2013) confirma sua visão:

Dessa forma, o foco do trabalho com a dança na educação, deve ser direcionado, como em qualquer outra linguagem artística, para a criatividade expressiva. Quando introduzimos, na escola, um trabalho que privilegie a criatividade, estamos indo em direção às propostas da arte na educação contemporânea, e abrindo espaço para que o aluno encontre, no movimento, possibilidades diversas de comunicação e expressão. (SALVADOR, 2013, p. 101 e 102).

“Para que o aluno se expresse é preciso, antes de tudo, que seja respeitada a sua liberdade”. (REVERBEL, 1995, p. 11). Ainda neste sentido, Reverbel (1995, p. 11) nos informa: “o estímulo constante à criação permite ao aluno liberar sua personalidade pela espontaneidade e formá-la pela cultura”.

A arte-educação no Brasil está relacionada com a ideia de reforçar a herança artística e estética dos alunos, levando em consideração seu meio ambiente (BARBOSA, 2013). O meio em que vivem esses alunos, bem como suas experiências são sua “bagagem” que trazem para a prática. Reforçando e parafraseando o que Ana Mae Barbosa já disse, ou seja, a **herança de cada aluno**. (grifo acadêmico).

Toda a pesquisa percorrida neste artigo tem o intuito de caminhar na direção da igualdade do ser humano dentro da sala de aula. As Artes Cênicas, em específico, o Teatro e a Dança, podem de fato contribuir para que o preconceito, em relação à homossexualidade, possa diminuir, e por meio do conhecimento das nossas diferenças é que se constrói uma sociedade mais multiculturalista em todos os aspectos.

O conhecimento aqui levantado, em relação ao Teatro e a Dança, é o despertado pela via do sensível, ou seja, a Arte tem esse “poder” de “tocar” o outro, despertar os corpos, as mentes dos seres humanos com o “**olhar**” para o sensível. É este “olhar” que se lança para as nossas diferenças para a homossexualidade na educação.

Alves (*apud*, Duarte Júnior, 2006, p. 132) “O conhecimento vai crescendo, sedimentando, camada sobre camada, e chega um momento em que nos esquecemos da sabedoria sem palavras que mora no corpo”. Assim Duarte Júnior (2006) explica que há distinção entre o conhecer e o saber, o primeiro é “todo aquele conhecimento capaz de ser articulado abstratamente por nosso cérebro através de signos eminentemente lógicos e racionais, como as palavras [...]” e o segundo, “o sensível dizendo respeito à sabedoria detida pelo corpo humano e manifesta em situações as mais variadas [...]”. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 132-133). Logo, o conhecer é mental e o saber reside no corpo, na mente, é orgânico.

Embora o conhecer e o saber sejam distintos para Duarte Júnior, e o saber constitua algo que é orgânico, isso nos leva a pensar que o ser humano pode tratar com igualdade as diferenças, sejam as sexuais e outras quaisquer, pois é da natureza humana esse organismo, ainda assim trataremos as Artes Cênicas como forma de conhecimento, que engloba o saber sensível.

A Dança e o Teatro na educação estimulam um clima de liberdade no qual os alunos liberam as suas potencialidades, por meio dos seus sentimentos, emoções, angústias e sensações. Na “*experiênciação*” é que o aluno mostra uma parte de si mesmo, revelando como sente, pensa e vê o mundo. É no fazer “teatro e dança” que permite ao aluno expressar-se que explora a comunicação humana. Neste momento é que ocorre o desenvolvimento de cada um, baseado nas diferenças, na diversidade, pois assim pode ocorrer a construção do conhecimento do ser humano, dos “saberes”.

Larrosa⁸ (*apud*, Salvador, 2013) usa a educação baseada na experiência e sentido, sendo um par. Portanto Salvador (2013, p. 57) completa: “o que ele entende é um trabalho que promova a educação a partir de experiências sensíveis que

⁸ Jorge Larrosa Bondia é professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Defende a educação a partir da experiência sensível. Disponível em: < <http://flacso.org.ar/docentes/larrosa-jorge/>>. Acesso em 11 out. 2015 às 14:40 h.

possam vir a transformar o aluno”. Cada um de nós possui uma experiência diferente, pois somos na essência diferentes entre si, cada um carrega suas especificidades, mas iguais na condição de seres humanos.

É por meio da experiência sensível que há possibilidades de transformações. A dança e o teatro proporcionam esta experiência sensível, sem que haja cobranças, mas ao mesmo tempo promova entendimento e compreensão; Gabriela Salvador (2013, p. 59) completa: “[...] algo que possa ser novo ou desconhecido”.

A diversidade sexual, a homossexualidade significa algo novo ou desconhecido para muitos alunos e mais, é promovida em tons pejorativos, ofensivos, preconceituosos e discriminatórios, pelo simples fato de não respeitar e aceitar que o outro é diferente.

A experiência vivida com os alunos do Ensino Fundamental II do 9º Ano (A e B), que o PIBIC nos proporcionou, deixa claro que é necessário tratar das diferenças em sala de aula, que há várias dúvidas por não conhecer o outro. A cena teatral foi apenas um dos passos necessários na busca de reverter essa situação de preconceito e discriminação. Os alunos, diante das informações, tiveram oportunidades para mudar a postura perante os homossexuais e qualquer outro tipo de diversidade sexual, servindo também como uma fonte de reflexão em relação à sua própria sexualidade.

Além da apresentação, foram entregues aos alunos questionários - antes e depois da apresentação - para mensurar o grau de entendimento e conhecimento sobre o tema “Homossexualidade”. Contudo as respostas dos questionários mostraram que, de fato, os alunos têm pouco ou nenhum conhecimento e informação acerca da homossexualidade. Os entrevistados afirmaram que ser homossexual é doença, ou uma escolha. Além disso, frases como “me dá nojo”, foram apresentadas diante de questões como: “qual a sua reação diante de um casal homossexual se beijando?”.

Com a experiência prática buscou-se identificar questões sobre a diversidade sexual em sala de aula, como forma de mensurar as informações e fomentar o conhecimento a respeito do tema. Considerando, a partir dos questionários, a maior parte dos alunos apresentaram “sintomas” de preconceito, discriminação e ignorância, pelo não conhecimento do outro ser humano, o espetáculo constituiu

como um dos passos necessários para reverter essa situação, levando o conhecimento do que é SER humano. Acreditamos que quanto mais se trata do assunto, mais ele será desmistificado e os alunos terão oportunidades para mudar a postura perante qualquer tipo de diversidade sexual.

As Artes Cênicas foram usadas como mecanismo de reflexão e disparadoras de discursos críticos em relação ao tema. Isso denota a grande importância do Teatro e da Dança na educação.

A Arte fala de diferentes formas de cognição, que compreende os saberes do corpo, da sensibilidade, da intuição, da emoção, que englobam o fazer, o fruir, a reflexão. Propicia a liberdade, seja de pensamentos, de criações, de ações e de atitudes. A prática em teatro e dança propicia experiências novas e conduz para uma percepção sensível. O professor ao conduzir o conhecimento das diferenças em sala de aula, pois a diversidade sexual pode ser discutida o tempo todo, já que a mesma aparece a todo o momento, tendo como alicerce as Artes Cênicas, trabalha o corpo e a mente, movimentos e improvisações, igualdade e as diferenças. Vale lembrar que o professor tem a liberdade para exercer isso com base na LDBEN.

Cabe ressaltar que o docente deve ser “especializado” para tratar do Teatro e da Dança na educação. Reverbel (1989) frisa a importância do professor em recorrer a autores especializados para obter uma orientação segura no sentido de estimular a individualidade dos alunos. Diante da importância do profissional da educação Ana Mae Barbosa escreveu no prefácio do livro de Reverbel (1989, p. 10): “Não posso entender um professor de arte-educação que não conheça Arte e, portanto, um professor de Teatro-educação que não conheça teatro. Seu conhecimento de teatro e da criança lhe permite ousar e acertar”.

Em afinidade com Barbosa, Gainza⁹ (2011) nos revela:

Necessitamos de professores de fato, especializados em Educação. Se ensino Medicina, contrato médicos. E por que, se ensino Música, contrato pessoas que desconhecem o tema? [...] Os professores de música precisam ser especialistas em música e em Pedagogia. Nem todos os músicos conhecem a Educação profundamente. [...] Não basta ser músico para ensinar música. É preciso entender de educação. (GAINZA, 2011, p. 38-40).

⁹ Violeta Hemsy de Gainza – especialista argentina, é uma das mais importantes autoridades mundiais no ensino da música. Com 81 anos (2011), pianista, educadora e psicóloga musical é autora de mais de 40 obras, que abordam pedagogia da música, didática do piano e do violão, formação de conjuntos vocais infantis e juvenis, improvisação e musicoterapia.

Fazendo analogia com o que Violeta Gainza nos fala, os professores de Arte devem conhecer, profundamente, determinadas linguagens artísticas (teatro, dança, música, artes visuais), bem como entender de educação. Um não está desassociado do outro.

Toda arte é expressão, nesse sentido o ensino do Teatro e da Dança na educação é fundamental, pois através de jogos de imitação, criação e movimento do corpo os alunos são estimulados a várias possibilidades, entre elas, conhecer a si mesmo, conhecer o outro, conhecer o que há ao seu redor, etc. Utilizar o teatro e a dança aliado à educação oportuniza-se aos alunos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade, que libera as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para o aluno. (REVERBEL, 1989).

A Diversidade Sexual faz parte de qualquer discussão em escola, diz respeito a pessoas, e o que mais tem na escola é gente; sugere um olhar para si e para o outro.

Acreditando no diálogo e na troca, é inevitável discutirmos a homossexualidade no contexto escolar, pois urge na contemporaneidade. A Arte sempre esteve de alguma forma, ligada à educação. Em sentido transversal a todas as disciplinas, ela pode nos apresentar possibilidades de soluções para muitos acontecimentos, eventos que, lamentavelmente, continuam no nosso cotidiano escolar, dentro da sala de aula.

A Dança e o Teatro são áreas privilegiadas para fomentar a discussão e a problematização da pluralidade cultural, gênero e diversidade sexual em nossa sociedade. O não reconhecer o “outro” como ser humano, em direitos, raça, idade, etnia, sexualidade, classe social, resulta em violência. Não é necessário concordar com o “outro”, apenas respeitar. Para respeitar é preciso conhecer, e o conhecimento deste tema também pode (e deve) iniciar na educação escolar, utilizando o Teatro e a Dança que se valem de experiências do movimento, improvisação, jogos, criação e acima de tudo de sensibilização.

REFERÊNCIAS

ANTEPROJETO de Lei. **Estatuto da Diversidade Sexual**. Disponível em: <<http://www.direitohomoafetivo.com.br/uploads/5.%20ESTATUTO%20DA%20DIVERSIDADE%20SEXUAL%20-%20texto.pdf>>. Acesso em 22 abr. 2013 às 01:08 h.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf> >. Acesso em 21 abr. 2013 às 18:10 h.

BRASIL, **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 22 abr. 2013 às 01:02 h.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 11 set. 2015 às 00:44 h.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf> >. Acesso em 11 set. 2015 às 00:51 h.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> >. Acesso em 11 set. 2015 às 00:47 h.

BULOS, Uadi Lammêngo, **Constituição Federal Anotada**. 7. Ed. rev. e atual. até a Emenda Constitucional nº 53/2006. São Paulo: Saraiva, 2007.

CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antônio Flavio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas** – organizadores. 7ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 2011.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direitos de Famílias**. 6. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **A montanha e o videogame**. Escritos sobre educação. Campinas SP: Papirus, 2010.

_____. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 4. ed. Curitiba PR: Criar Edições, 2006.

GAINZA, Violeta Hemsy. **Nova Escola. A revista de quem educa**. Ano XXVI. Nº 241. Abril 2011. Fundação Victor Civita. São Paulo: Editora Abril, 2011.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **As artes e o desenvolvimento cultural do ser humano**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n69/a03v2069.pdf>>. Acesso em 22 abr. 2013 às 01:13h.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.uesb.br/labtece/artigos/A%20Cabe%C3%A7a%20Bem-feita.pdf>>. Acesso em 01 out. 2015 às 14:05 h.

REVERBEL, Olga Garcia. **Teatro: Atividades na Escola, currículos.** Porto Alegre: Kuarup, 1995.

_____. **Um caminho do Teatro na Escola.** São Paulo: Editora Scipione, 1989.

SALVADOR, Gabriela Di Donato. **Histórias e propostas do corpo em movimento: um olhar para a dança na educação.** Guarapuava: Unicentro, 2013.

SANTANA, Ana Lúcia. **Diversidade Sexual.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociedade/diversidade-sexual/>>. Acesso em 10 abr. 2013 às 14:08 h.

VARELLA, Drauzio. **Sexualidade: Violência Contra Homossexuais.** Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/sexualidade/violencia-contrahomossexuais/>>. Acesso em 15 abr. 2013 às 13:14 h.